

SERVIÇO UNIVERSITÁRIO OU DEPARTAMENTO DE ENSINO? (1)

O lugar e a função de uma biblioteca numa universidade é um tópico que poderia ocupar a atenção de uma conferência sobre educação universitária mas — nem sempre — considerado desassombradamente pelos próprios bibliotecários da universidade, imersos como estão na rotina do dia a dia e na administração da sua biblioteca. Contudo, o assunto merece reflexão, especialmente agora que as bibliotecas universitárias se vão tornando maiores, os seus problemas de administração mais complexos e os seus recursos mais difíceis de utilizar.

Sugeriu-se que há três fases no desenvolvimento de bibliotecas universitárias. A primeira e segunda processam-se paralelamente à terceira. A primeira consiste em cuidar dos livros: esta é a concepção do Bibliotecário como Curador que faz com que Conservateur seja, em francês, a tradução correcta de Bibliotecário-Chefe. A segunda fase é a de considerar a biblioteca como um serviço que fornece livros, com eficiência, para as várias necessidades da universidade. A terceira traduz-se na concepção da biblioteca de universidade como um departamento de ensino e também como um serviço universitário, encarregando-se a biblioteca, não só de fornecer os livros, mas ainda de guiar os leitores até eles por uma forma organizada. Esta é a opinião vulgarmente sustentada na América, mas a verdade é que na Inglaterra e Comunidade Britânica muitos bibliotecários sentiriam que isto estava fora da sua esfera de acção e alguns, até, poriam em dúvida se tal facto seria um avanço.

A finalidade deste artigo é sugerir que, com as complexidades crescentes das bibliotecas e a proliferação de livros e periódicos — particularidade de uma época em que a tecnologia e a ciência exigem uma investigação considerável e em que as humanidades também têm em vista horizontes cada vez mais vastos — o processo mais eficiente de se fazer o melhor uso possível de uma grande biblioteca é considerá-la não só como um serviço universitário, mas também como um departamento de ensino. Isto aplica-se mais justificadamente à Nova Zelân-

(1) HAVARD-WILLIAMS, P. — *University service or teaching department?* «New Zealand Libraries», Wellington, 20 (6) Ago. 1957.

dia, visto que, pelo facto das bibliotecas serem mais pequenas e, portanto, os seus recursos menores, é essencial retirar delas o máximo. Os livros, infelizmente, não falam por si próprios. Se bem que se possa argumentar que o ensino universitário faz «falar» os livros, o âmbito do ensino nas diferentes disciplinas tem em vista um determinado fim e muitos dos preciosos caminhos que conduzem a informações, a partir das quais se podem fazer juízos, continuam desprezados por um grande número de estudantes. A concepção da biblioteca como um verdadeiro factor na educação universitária não se pode limitar a considerá-la como uma mera fornecedora de livros. Esta ideia, quanto a mim, ignora a revolução social que se tem vindo a processar nas universidades nos últimos dez ou quinze anos; como resultado dela há um maior número de estudantes que vêm de sectores mais vastos da comunidade. Muitos deles, de capacidade intelectual considerável, apesar dos serviços de biblioteca bastante adequados existentes na Nova Zelândia, ainda não sabem fazer bom uso dos recursos de uma biblioteca erudita. Muitas das riquezas existentes numa colecção bem organizada continuam a ser desconhecidas do leitor não graduado, ao longo do curso — e é pena que isso aconteça. É verdade que o corpo docente tem, muitas vezes, uma influência considerável na orientação dos estudantes para uma apreciação daquilo que a biblioteca pode oferecer; no entanto, o mesmo já não acontece com aqueles que não estudam um assunto especializado. Para que a biblioteca cumpra a sua função, deve não apenas satisfazer as exigências num campo especializado, mas ainda actuar como uma verdadeira força na educação geral dos membros da universidade.

Esta concepção implica uma série de consequências práticas. Em primeiro lugar relaciona-se com toda a organização da própria biblioteca: se se levam os estudantes aos livros fora do seu âmbito, forçoso é que cheguem até eles sem obstáculos. A concepção subjacente deve ser esta: que a biblioteca é uma biblioteca, mesmo que tenha de ser dividida por causa da situação geográfica da própria universidade. As bibliotecas de departamentos são um estorvo para a utilização mais vasta de livros, visto que, quando localizadas em determinado departamento, vêm a ser consideradas inevitavelmente como privilégio dos membros permanentes do pessoal daí e, mesmo que não haja exclusão específica dos leitores de fora, fica-lhes sempre a sensação de que estão a pisar terreno alheio. Pior ainda: não raramente o conteúdo de uma biblioteca deste tipo é considerada colecção particular do pessoal docente para quem o próprio trabalho é muito naturalmente mais importante do que o de qualquer outra pessoa. Ainda que as bibliotecas de departamentos sejam justificadas frequentemente em termos de eficiência departamental, não é injusto dizer que as razões invocadas a favor do argumento são, muitas vezes, mais emotivas do que racionais.

Mas colocar livros num edifício não é bastante. A organização de uma biblioteca tem de dar importância à unidade da colecção e, concomitantemente, não deve assoberbar o leitor com uma tão grande quantidade de material que o impeça de trabalhar. Este último problema levou muitas das grandes bibliotecas a introduzir divisão por assuntos ou qualquer outra, como a que se destina a leitores graduados e não-graduados; por exemplo, a sala de leitura de não-

-graduados de Glasgow, separada da biblioteca principal, e a de Radcliffe Camera em Oxford, assim como as salas de leitura da própria Bodleian, onde os livros se encontram à disposição nas estantes.

No actual estado de conhecimentos, mesmo uma colecção para não-graduados de, digamos, quarenta ou cinquenta mil volumes, pode ser demasiado vasta para o não-graduado inexperiente. O remédio parece estar na atitude do pessoal da biblioteca que se considera não tanto um fornecedor passivo de livros, mas um conjunto de espíritos activos preparados para conduzir os seus leitores tanto para os livros adequados, como ainda para os vários e complexos processos de descobrir onde estão e quais são. Isto poderia ser um argumento a favor de uma série de instruções para o leitor, inexistentes nas actuais bibliotecas ingleses e nas da Comunidade Britânica. Não obstante os horários de aulas bastante sobrecarregados, parece justificável reservar-se uma parte do tempo para instruções precisas sobre bibliotecas. Poder-se-ia poupar muito tempo aos estudantes graduados e não-graduados se, quando utilizassem uma biblioteca, não estivessem na situação de um gato num quarto escuro, à procura de um rato que talvez nem lá esteja. É indubitável que os estudantes perdem tempo — e sem nenhum proveito — à procura de material que está na biblioteca e que eles não conseguem encontrar, ou porque lhes é desconhecido, ou porque por qualquer razão ficou separado dos livros ao pé dos quais se esperava que estivesse. Não é possível, por exemplo, adoptar uma classificação que cubra convenientemente as necessidades de todos os assuntos. A arqueologia é um desses casos, pois os seus livros estão classificados não só sob a rubrica «arqueologia», como também sob «arte», «ciência», «geografia», «línguas» e «literaturas».

Com a média actual de publicações tornou-se quase essencial dar uma espécie de indicações completas para os estudantes de todos os anos e também para os membros do corpo docente que, na maior parte das vezes, desconhecem as obras de referência mais úteis e a bibliografia. Um curso devidamente organizado no sentido de se enfrentar este problema incluiria uma série de lições anuais ministradas aos estudantes dos diferentes estabelecimentos de ensino.

Na Universidade de Otago, os estudantes no final do seu curso têm sido objecto, há já alguns anos, de uma atenção especial; aos novos estudantes proporcionam-se visitas por toda a Biblioteca, no início da sua primeira sessão, sendo guiados em grupos conforme os temas de estudo. Os estudantes de especialidades ou os que seguem a investigação, bem como os membros mais novos do pessoal, têm cursos sobre bibliografia e auxiliares da investigação — o que está provado ser de valor considerável, especialmente para os estudantes do último ano que fazem tese.

A concepção da biblioteca como departamento de ensino não deve de forma alguma minimizar a sua função de serviço de biblioteca universitária. Os cursos com as características referidas criam exigências que, a bem da sua própria reputação, a biblioteca tem de ser capaz de satisfazer — o que pressupõe a necessidade de padrões de eficiência mais elevados. Para estas funções os bibliotecários necessitam de habilitações adequadas, a um tempo profissionais e académicas, de uma atitude positiva em relação aos problemas de educação universitária

e suas conseqüências práticas em termos de organização, juntamente com conhecimentos de livros e de administração. Sob este ponto de vista, a manutenção de uma biblioteca torna-se um meio para um fim e não, como de outro modo talvez pudesse acontecer, um fim em si. Uma biblioteca está apetrechada para os leitores e, por conseguinte, todos os aspectos do trabalho de biblioteca devem ser norteados em função desta finalidade. A integração da biblioteca no programa de ensino da universidade contribuiria para uma atitude positiva por parte do pessoal da biblioteca, relativamente ao problema da universidade como um todo, e o que não é menos importante — criaria uma atitude mais positiva por parte do pessoal docente no que respeita à biblioteca e ao lugar que ela ocupa como um dos principais focos do trabalho universitário.

Não raramente temos consciência de que as bibliotecas estão constantemente a consumir uma grande parte dos recursos da universidade. Uma biblioteca é apenas um departamento, assim se pode dizer, e no entanto as suas necessidades crescem de ano para ano. Os livros criam as suas próprias exigências, pois quanto mais rica é uma biblioteca, mais vasto é o âmbito de leitores. Isto não só influencia os projectos de investigação, como também tende para um alargamento do ensino e ambos os factores determinam, todos os anos, a necessidade de um acréscimo de volumes. Por conseguinte, a biblioteca é um departamento universitário e, além disso, os seus recursos reflectem-se em todos os aspectos do ensino e da investigação realizados por todos os outros departamentos. Se estes recursos forem ainda aumentados por um real desejo de os tornar conhecidos aos membros da universidade, pode-se esperar que seja encarada com apreço a manutenção de uma biblioteca cujo recheio excede um pouco as necessidades, em vez de algo relegado para último plano, como um factor a considerar depois de satisfeitas as carências de outros departamentos.

Para um tal objectivo é indispensável que os membros da universidade sintam que têm alguma coisa a dizer no que respeita à biblioteca. O Comité da biblioteca é, sem dúvida, a via mais conveniente para apresentar essas opiniões. Contudo há um meio por vezes mais frutuoso: isto é, a conversa informal, na sala dos professores ou em alguma reunião de carácter social onde o aspecto prático das sugestões pode ser debatido e onde os assuntos se podem discutir a um nível superficialmente teórico e sem qualquer compromisso formal dos participantes. Mas para que isso seja possível é indispensável que os membros do pessoal da biblioteca sejam capazes de encarar num plano de igualdade os seus colegas que ensinam. Reconhece-se, de um modo geral, que as bibliotecas já não podem ser dirigidas por um bibliotecário e um grupo de empregados não qualificados e muito novos, mas nem sempre se tem em consideração que, para fazer a melhor utilização possível de um organismo tão complexo nas suas funções, os membros mais velhos do corpo de bibliotecários precisam de ter capacidades, interesses e qualificações comparáveis às dos membros do corpo docente. O facto foi reconhecido pelas grandes universidades que agora nomeiam Bibliotecários e Bibliotecários-Auxiliares precisamente nos mesmos termos e condições das dos Professores e Leitores. Com efeito, para se conseguir pessoas de igual nível é necessário pagar-lhes igual salário.

É difícil obter uma opinião esclarecida no âmbito dos estudantes universitários, visto que a eficiência dos seus organismos varia de ano para ano e, salvo o caso de uma via de comunicação oficial, não se pode determinar a importância e força de opiniões diferentes expressas nas diferentes secções da comunidade estudantil. Contudo, deveria ser possível que os estudantes exprimissem a sua opinião sobre os assuntos da biblioteca, já que são eles os leitores mais numerosos. Isto não significa que os bibliotecários renunciem às suas ideias próprias sobre a questão; no entanto, partindo-se do princípio que há de facto entre os estudantes um processo de escolha das sugestões, os problemas das bibliotecas poderiam ser encarados sob uma nova luz, quando postos em relevo por membros estudantis. Por vezes as sugestões dadas são triviais, ainda que úteis. As instruções sobre a utilização da biblioteca não só auxiliam os alunos, como lhes permitem a comunicação com o pessoal bibliotecário. A dificuldade está em que, uma vez estabelecida esta comunicação, é difícil manter uma atitude razoável constante. Às vezes os alunos pensam ser bastante fácil fazer aquilo que parece à primeira vista uma ligeira alteração, mas que na realidade implica um grande trabalho administrativo. O êxito das relações da biblioteca com toda a universidade, incluindo professores e alunos, depende da atitude individual do pessoal bibliotecário. É um desafio que se tem de encarar à medida que as bibliotecas crescem e à medida que os seus recursos vão sendo postos ao leitor de uma forma mais clara. Outra dificuldade reside no facto de as bibliotecas universitárias serem mantidas com um mínimo de pessoal cujo tempo é ocupado com trabalhos mais ou menos de rotina. Compete também aos bibliotecários procurarem ocupações adequadas à sua preparação e fazerem da biblioteca um centro da vida universitária, tanto em teoria como na prática.